

OS IMPASSES DO NACIONALISMO EM EDIÇÃO CRÍTICA

Triste Fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto, na “Coleção Archivos”¹

Berthold Zilly
Univ. Berlim

Afonso Henriques de Lima Barreto era um marginalizado. Embora apreciado pelos melhores críticos da época, o seu engajamento com os de baixo assim como a sua sátira polêmica e amarga, junto com seu vestuário negligenciado e seu pendor à bebida, feriam o gosto das elites na *Belle Époque* para as quais, no dizer de Afrânio Peixoto, a literatura era “o sorriso da sociedade”. Hoje em dia, no entanto, esse amanuense boêmio está muito mais vivo do que os “mortais” que o julgaram indigno de entrar na Academia Brasileira de Letras. Esse mulato autodidata, que combinava simpatias pelo anarquismo e pelo comunismo com nostalgias monárquicas, se tornou não apenas um dos maiores cronistas do Rio e de seus subúrbios mas pertence, faz tempo, ao cânone da literatura brasileira e latinoamericana. Já nos anos 70, o *Policarpo Quaresma* tinha integrado, junto com *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, uma exímia coletânea de obras-primas latinoamericanas, a Biblioteca Ayacucho, publicada na Venezuela e na Espanha. Não surpreende que o melhor romance de Lima Barreto tenha ganho recentemente mais uma importante e merecida consagração: foi editado na “Coleção Archivos”, o mais prestigioso programa editorial das literaturas ibéricas, constituindo o seu 30º tomo.

Esta coleção, patrocinada pela UNESCO e por agências culturais nacionais, como o CNPq no caso do Brasil, há uma década vem oferecendo a leigos e especialistas obras-chave das literaturas latinoamericanas, espanhola e portuguesa, incluindo as caribenhas, em edições confiáveis e completas, fiéis às intenções do autor, porém ortograficamente atualizadas, acompanhadas de documentos e estudos. Entre os volumes que já saíram figuram por exemplo *Rayuela* do argentino Julio Cortázar, a obra poética do peruano César Vallejo, *Hombres de Maíz* do guatemalteco Asturias, *Paradiso* do cubano Lezama Lima, a obra toda do mexicano Juan Rulfo, *Macunaima* de Mário de

¹ Lima Barreto, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Edição crítica. Antonio Houaiss, Carmem Lúcia Negreiros (Coordenadores), Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; San José de Costa Rica; Santiago de Chile: ALLCA XX / Scipione Cultural, 1997.

Andrade, *A Paixão segundo G.H.* de Clarice Lispector, *Mensagem* de Fernando Pessoa. É um programa de fôlego que fomenta o diálogo entre as literaturas ibéricas e, uma vez que nele participam agências acadêmicas da França e da Itália, também entre as culturas neolatinas, aprofundando a consciência de tradições e tendências comuns, inserindo-as na literatura universal, já que a Coleção tem colaboradores e leitores no mundo inteiro.

Há muito tempo, os admiradores de Lima Barreto vinham esperando por uma edição solidamente estabelecida, pois suas obras completas em 17 volumes, publicadas nos anos 50 pela Brasiliense, empreendimento pioneiro e meritório, não tiveram a devida revisão. Desta vez, no caso do *Policarpo Quaresma*, temos um texto correto, enriquecido de úteis informações e instigantes interpretações. O acabamento técnico e estético deste *Policarpo Quaresma*, como de todos os volumes da série, é para fazer inveja a qualquer escritor, um livro quase de luxo, cuidadosamente confeccionado para ser lido e relido, estudado e reestudado durante anos, o oposto do freqüente *fastfood* intelectual.

Se o volume em seu conjunto é altamente satisfatório, por outro lado nem sempre cumpre as elevadas expectativas a que nos autoriza uma edição crítica. Tem-se a impressão de que faltou um controle final que teria permitido suprimir uma série de erros ortográficos e outros defeitos, aceitáveis talvez num livro “normal”, mas não na Coleção Archivos. O leitor já tropeça no *lay-out*, prejudicado em muitas linhas por caracteres subitamente espaçados, sem qualquer função estética ou comunicativa, obviamente um desliz de composição.

Na nota filológica, o responsável pelo estabelecimento do texto crítico, Francisco Venceslau dos Santos, explicita a sua estratégia, sobretudo a decisão pertinente de tomar como base a primeira edição do romance em livro, de 1915, que ele coteja principalmente com o manuscrito e com a edição em folhetim, de 1911, permitindo-nos acompanhar a gênese do texto em suas três etapas documentadas e apreciar a grande e geralmente bem sucedida preocupação do escritor com a clareza, com a correção e com a poeticidade, contrariando a sua fama de desleixado. Na atribuição de siglas às versões examinadas (p. XXIV), o editor crítico se esquece da principal, de 1915, que só na página XXVIII é identificada como a versão B. Se isso é simplesmente um erro de revisão, pode-se questionar um procedimento metódico: o caráter tácito e implícito das emendas do editor, que, por mais plausíveis que sejam, deveriam ser alistadas no aparato das lições e variantes, onde nesta edição somente aparecem as emendas e os acréscimos do próprio autor. Pois até os erros fazem parte da história de um texto, e além disso as correções de qualquer editor estão sujeitas a uma certa subjetividade que precisaria ser contrabalançada, na medida do possível, pela transparência e pela verificabilidade de todas as suas emendas.

Alguns poucos erros, sejam de Lima Barreto ou dos primeiros tipógrafos, deixaram de ser corrigidos, concernindo por exemplo o nome de um etnólogo alemão que corretamente rezaria “von den Steinen” (p. 26), ou da cidade argentina cuja grafia certa seria “Córdoba” (p. 83). Se a versão B, de 1915, de um modo geral é a melhor, em certos detalhes as duas versões anteriores merecem preferência. Assim não há como entender por que se manteve a frase “Não vá ficares doente...”, no mínimo estranha, em vez da lição bem mais correta e corriqueira da versão A, do folhetim de 1911: “Não vá ficar doente”(p. 102). O jogo de cartas do senador Pacheco se escreve em inglês “poker” (p. XXVII), e o editor da 3ª edição, de 1943, se chamava Elói Pontes (p. XXIX). Duvido que a citação “Lui est content n’a rien à dire” (p. XXV) seja correta, é pelo menos elíptica e mereceria um esclarecimento.

A vacilação entre “dois” e “dous” assim como entre “coisa” e “cousa” não é uma mera questão de “grafia da época” (p. XXXV), já que, nos dois casos, se trata de duas variantes fonética e estilisticamente bem distintas, sendo, já na época, as com o ditongo *ou* mais tradicionais e cultas do que as com *oi*. Quanto à colocação do pronome oblíquo (p. XXVII), é fenômeno gramatical e estilístico que mereceria comentário um pouco mais diferenciado, pois mostra a hesitação do autor entre a próclise, ou seja a posição antes do verbo, mais popular e mais brasileira, e a ênclise, ou seja depois do verbo, mais erudita e lusitanizante. Lima Barreto foi um dos primeiros a introduzir com certa naturalidade, sem condescendência, a língua falada do Brasil na literatura, sobretudo no discurso dos personagens, antecipando uma preocupação dos modernistas, fazendo porém questão de mostrar que dominava também os registros cultos e tradicionais, principalmente no discurso do narrador. Usava com frequência um meio-termo entre o discurso direto e o relato do narrador, ou seja o discurso indireto livre, impropriamente chamado aqui de “monólogo indireto” (p. XXXIII).

Se o texto do próprio Lima Barreto de um modo geral foi estabelecido satisfatoriamente, também os textos de apoio merecem confiança, porém com algumas pequenas reservas, a começar pela ficha de catalogação da Biblioteca Nacional da Espanha, onde o livro foi impresso, que indica erroneamente 1919 como ano da morte do escritor, ainda que um rápido olhar na cronologia, estabelecida por seu falecido biógrafo Francisco de Assis Barbosa, teria indicado o ano correto: 1922. Na “liminar” de um dos editores (p. XVII), lemos a expressão “não *com* certa esperança”, o que no contexto não dá sentido nenhum, sendo obviamente intencionado: “não *sem* certa esperança”. O *Jornal do Commercio*, que publicou, no seu folhetim, a primeira versão impressa do *Policarpo Quaresma*, em 1911, é repetidamente citado em duas grafias diferentes, ambas erradas.

É uma pena que, contrariamente ao esquema geral da Coleção Archivos, não haja algo parecido com as “Notas aclaratorias”, nem o “Glosario: índice onomástico y toponímico” adotado na edição de *Viajes*, de Sarmiento. Falta em parte a ferramenta filológica e histórica que permitiria ao leitor hodierno reconstituir os conhecimentos que o leitor da época tinha e que são imprescindíveis para entender adequadamente esse romance histórico, escrito há mais de 80 anos e cujo enredo é situado numa conjuntura política de mais de 100 anos atrás. A cronologia, em vez de tirar dúvidas, as provoca por vezes, por exemplo na enigmática expressão “primavera de sangue” (p. 270), explicada sim na cronologia da Biblioteca Ayacucho.² Falta a ponte entre o próprio texto do romance por um lado e por outro lado as suas interpretações eruditas, sofisticadas ou até especulativas no bom sentido, pois um certo grau de ousadia faz parte da boa crítica literária. Mas elas não substituem informações básicas, por exemplo sobre a Revolta da Armada, de 1893/94, pano de fundo histórico do enredo e prefiguração implícita de eventos que ocorreram durante a redação do romance: a Revolta da Chibata e a Campanha Civilista, de 1909/10.

Os estudos e ensaios sobre a história do texto e seus possíveis significados, seguidos de um volumoso dossiê sobre a história da recepção, evidenciam a crescente importância do livro pelo mundo afora, assinalada também pela extensa e cuidadosa bibliografia, que registra, embora não sem lacunas, artigos e traduções nas mais diversas línguas. As numerosas análises, publicadas neste volume, dos editores e de outros especialistas como por exemplo Dirce Riedel, Nicolau Sevcenko, Antonio Candido, Silviano Santiago, abrangem os mais diversos aspectos e métodos, elucidando a historicidade como a atualidade do livro. Este dá uma convincente forma estética a questões cruciais da história brasileira e universal, as preocupações com a “grandeza e a emancipação da pátria”, nas palavras do protagonista, ou seja, a superação do atraso (do subdesenvolvimento, como se diria mais tarde) e da injustiça, a construção da nacionalidade e da cidadania, o caráter e a função da cultura popular, a relação entre inteligência e poder, os direitos humanos. O herói ufanista, esse ridículo e perigoso, mas também simpático e admirável Dom Quixote brasileiro, experimenta uma série de decepções com o patriotismo, pagando com a morte a solidariedade com o próximo que acaba sendo o cerne de sua personalidade. A sua trajetória nos revela que a busca purista de uma essência da nação assim como a aplicação dogmática de abstratos preceitos políticos, por mais progressistas que sejam, são atitudes tão perigosas quanto o oportunismo, a corrupção e o autoritarismo. Em *Policarpo Quaresma*, Lima Barreto se revelou como grande humanista, crítico de todos os fanatismos.

² Ver também a antologia: Lima Barreto, Um longo sonho do futuro: Diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas. Introdução, seleção e notas de Bernardo Mendonça, Rio de Janeiro, Graphia,²1998, p. 1.